



Universidade Estadual
da Região Tocantina
do Maranhão

CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS, NATURAIS E LETRAS – CCANL, *CAMPUS*
ESTREITO
CURSO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

ESTER MIRANDA PAIVA

UMA VOZ QUE FALA (DE SI): o narrar autobiográfico na obra *Autgnose nº18 – uma vida mudada por um livro e um número*, de Ester Paiva

Estreito-MA
2025

Av. Brejo do Pinto, s/n, Brejo do Pinto, CEP. 65975-000 – Estreito/MA.
C.N.P.J 26.677.304/0001- 81 - Criada nos termos da Lei nº. 10.525, de 03.11.2016





Universidade Estadual
da Região Tocantina
do Maranhão

CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS, NATURAIS E LETRAS – CCANL, *CAMPUS*
ESTREITO
CURSO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

ESTER MIRANDA PAIVA

UMA VOZ QUE FALA (DE SI): o narrar autobiográfico na obra *Autognose nº18 – uma vida mudada por um livro e um número*, de Ester Paiva

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, do Centro de Ciências Agrárias, Naturais e Letras (CCANL), da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL/*campus* Estreito), para obtenção do título de graduação do curso de Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Me. Susane Martins Ribeiro Silva

Estreito-MA
2025



P142v

Paiva, Ester Miranda

Uma voz que fala (de si): o narrar autobiográfico na obra Autognose nº 18 – uma vida mudada por um livro e um número, de Ester Paiva / Ester Miranda Paiva. – Estreito, MA, 2025.

24 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Letras Português Licenciatura) – Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, Estreito, MA, 2025.

1. Autobiografia. 2. Literatura contemporânea. 3. Narrador. 4. Estreito – MA. I. Título.

CDU 82-3:82-94

*Ficha Catalográfica elaborada por **Beatriz Araujo Serra** – Bibliotecária CRB 13/1002*






ESTER MIRANDA PAIVA

UMA VOZ QUE FALA (DE SI): o narrar autobiográfico na obra *Autgnose nº18 – uma vida mudada por um livro e um número*, de Ester Paiva


Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL/Centro de Ciências Agrárias, Naturais e Letras (CCANL), para obtenção do título de graduação do curso de Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa.

Aprovado em: 18/01/2025


BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 SUSANE MARTINS RIBEIRO SILVA
Data: 02/02/2025 18:41:23-0300
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Ma. Susane Martins Ribeiro Silva (Orientadora)
Mestra em Letras
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão

Documento assinado digitalmente
 ALEXSANDRO SOUTO MAIOR DE MACEDO
Data: 02/02/2025 20:21:45-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Alexsandro Souto Maior de Macêdo (Examinador)
Mestre em Estudos Literários
Universidade Federal de Pernambuco

Documento assinado digitalmente
 LAIS DE OLIVEIRA SENA
Data: 30/01/2025 16:12:37-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Esp. Laís de Oliveira Sena (Examinadora)
Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Aplicada ao Ensino
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão





RESUMO

Das muitas definições, usos, ecos e reflexos da literatura, uma delas é a possibilidade da transmissibilidade de experiências, fatos, vivências e histórias por meio do texto literário. Ao lê-lo, para além do seu gênero, o leitor em algum momento há de encontrar-se relembrando de uma experiência pessoal. Partindo desse pressuposto, o romance “Autognose nº 18 – uma vida mudada por um livro e um número”, de Ester Paiva, proporciona em sua diegese alguns aspectos da experiência de vida e sentimentos de mundo da protagonista, que é a narradora da história, estabelecendo uma conexão mais íntima com seus leitores, abrindo um diário de emoções e memórias para eles. Diante dessa prerrogativa, a proposta sustenta-se na busca pela identificação das características e da identidade do narrador autodiegético pelos preceitos de Genette (1972) e Leite (2007), dialogando com traços autobiográficos segundo Lejeune (2008), em consonância com Brait (1985) a respeito da construção da personagem, buscando evidenciar a relevância de se analisar a narrativa sob a perspectiva do narrador como transmissor de experiências segundo Benjamin (1987), bem como seu papel nesse processo.

Palavras-Chave: Autobiografia; Literatura contemporânea; Narrador.





ABSTRACT

Of the many definitions, uses, echoes and reflections of literature, one of them is the possibility of transmitting experiences, facts, experiences and stories through literary text. When reading it, beyond its genre, the reader will at some point find themselves remembering a personal experience. Based on this assumption, the novel “Autognose nº 18 – uma vida mudada por um livro e um número”, by Ester Paiva, provides in its diegesis some aspects of the life experience and feelings of the world of the protagonist, who is the narrator of the story, establishing a more intimate connection with your readers, opening a diary of emotions and memories for them. Given this prerogative, the proposal is based on the search for identifying the characteristics and identity of the autodiegetic narrator according to the precepts of Genette (1972) and Leite (2007), dialoguing with autobiographical traits according to Lejeune (2008), in line with Brait (1985) regarding the construction of the character, seeking to highlight the relevance of analyzing the narrative from the perspective of the narrator as a transmitter of experiences according to Benjamin (1987), as well as its role in this process.

Keywords: Autobiography; Contemporary literature; Narrator.





AGRADECIMENTOS

Ao grande amor que me amou muito mais do que mereço, meu bondoso e fiel amigo, que por amor salvou a minha vida na cruz, e que mesmo em meio a tantas falhas do meu pobre coração humano, nunca me deixou em nenhum momento desde o princípio desta jornada acadêmica, Jesus Cristo, meu Amado Salvador.

À Prof.^a Me. Susane Ribeiro, minha orientadora de extensão e de trabalho de conclusão de curso, que abriu portas para coisas que eu jamais imaginei ter e viver tão cedo e tão nova.

Ao Manoel Antônio Ferreira de Paiva, que caminhou para que eu voasse, que ficava acordado no sofá me esperando chegar em casa por longas noites, que me mostrou que eu precisava estudar para conseguir tudo o que eu queria e eu estou conseguindo não só pelos estudos, mas por principalmente ter quem me dê base para voar e acreditar no meu potencial de conquista.

À Nilva Silva Miranda, a rainha da minha vida, que abdicou de muitos sonhos para que eu pudesse realizar os meus, que mesmo no início acreditando que eu teria sucesso na medicina, compreendeu que Letras e literatura estava no meu coração e mesmo sem dizer uma palavra, com sua determinação me incentivou e ensinou a não desistir, que sempre deixava o café da manhã pronto quando eu adentrava as madrugadas para estudar. Minha fonte primária de aprendizado, sua ousadia e fé em mim, mesmo quando eu não as tinha, me fortaleceram a persistir.

Ao Anderson Macário, a Jeovanna Moura e a Kayllane de Araújo, que cuidaram de mim, me acolheram para além da distância que por vezes nos separou. Em todos os momentos mais críticos onde tudo que eu precisava era chorar, vocês foram o colo, o ombro amigo, os que fizeram brotar risos em dias de ansiosas tristezas, que estavam sempre com escuta ativa todas as vezes que não precisei de apenas ser ouvida. Vocês foram imprescindíveis nesta etapa e são indispensáveis na minha vida.

À Brenda Smithelly, ao Edmilson, Hellen, Késia e Tancredo, a panelinha inseparável desde o primeiro trabalho em grupo. Tudo se tornou mais leve ao lado de vocês; Brenda Lee, Emanuella, Jeferson, Eliérrika e Robson, por serem exímios ouvintes e amigos em todas as vezes que precisei de vocês.

Ao Prof. Dr. Rogério Fernandes, que me disse que eu era um diamante a ser lapidado, quem me apresentou à Iniciação Científica e acreditou na força da minha escrita. Juntamente,



às Prof.^a Dr.^a Daniela Jaqueline, Prof.^a Esp. Laís Sena e Prof.^a Me. Daiane Bezerra, mentoras, orientadoras e amigas.

À Edite Silva Miranda e Maria José Ferreira de Paiva, minhas duas estrelas preferidas, que não presenciaram a minha formatura, mas me deram fortes raízes para crescer e frutificar. Às minhas famílias que me apoiaram desde antes de tudo isto.

À Malú, minha pinscher, que ficou comigo em cada uma das exaustivas horas de estudo no quarto, ouviu meus devaneios e não me deixou mesmo nas minhas ausências.

Minha eterna admiração, amor e gratidão por todos, cada um em sua particularidade e singularidade. Nestas palavras, dedico este trabalho Para todos os que têm a ousadia de sonhar, coragem de se (re)inventar e anseio de viver. E a Tezinha, a garotinha que contava histórias para as árvores. Hoje nossas histórias são lidas pelo mundo! Obrigado por ter sonhado com isso.





SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. AUTOBIOGRAFIA: REALIDADE DENTRO DA FICÇÃO	12
2. UMA VOZ QUE (NOS) FALA: O NARRADOR	16
3. A CRIAÇÃO LITERÁRIA PELO OLHAR DO CRIADOR: UM POSFÁCIO FORA DO LIVRO	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	24



INTRODUÇÃO

Quando o Brasil foi pentacampeão em 2002, nasceu na cidade de Estreito, no sul do Maranhão, a filha de dois maranhenses legítimos: Ester Miranda Paiva. Uma jovem escritora de apenas vinte e dois anos, com dois livros escritos e apenas um deles publicado por uma editora. No cenário literário da região tocantina, ela é uma das mais jovens escritoras de sua cidade.

Além de romancista, escreve poesias, crônicas e pequenos textos que compartilha em suas redes sociais. Aprovada em oitavo lugar no vestibular, a escritora cursa Letras Língua Portuguesa na Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL), no campus de sua cidade. Seus textos já lhe proporcionaram alguns prêmios, como *I Concurso de Redação* promovido pela Secretaria do Meio Ambiente de Estreito/MA, segundo lugar por dois anos consecutivos no projeto *Ler, escrever e pensar*, promovido pelo Ministério Público, Prêmio Estadual do Edital da Lei Aldir Blanc, sendo este o projeto que garantiu o seu primeiro livro publicado.

Autgnose nº18 (2021) é um romance que contém dezoito capítulos. É a obra que abre as portas da carreira da escritora e permite que o leitor a conheça pelas lentes de sua narrativa. Apesar de relativamente curta, se comparada à quantidade de páginas de outros escritores contemporâneos, a prosa de Paiva é cheia de temáticas atuais e atemporais: a descoberta de carreira, a realização de sonhos, o romance juvenil e o registro de experiências vividas.

Considerando o que foi predito, a proposta principal da pesquisa é analisar a obra *Autgnose nº18* a partir da perspectiva da narrativa autobiográfica e o papel do narrador enquanto transmissor de experiências. Valorizando o trabalho de escritores vivos, esta proposta evidencia a produção literária regional, contribuindo com a fortuna crítica da obra de Paiva.

A pesquisa intitulada “Uma voz que fala (de si): o narrar autobiográfico na obra *Autgnose nº18 – uma vida mudada por um livro e um número, de Ester Paiva*” tem como proposta principal uma leitura da referida obra a partir dos preceitos relacionados à transmissibilidade de experiências com marcas autobiográficas ficcionais, focando na escrita literária da escritora, analisando sua prosa e como ela dialoga com o mundo. A proposta valoriza a escrita feminina e regionalista da escritora que, apesar de jovem e com poucas obras publicadas, tem muito a contribuir para os estudos literários.

A pesquisa propõe a valorização da escrita regionalista de Ester Miranda Paiva enquanto escritora maranhense, destacando sua prosa como instrumento de valorização da escrita



feminina a partir da descrição de suas vivências e experiências no texto literário, que demarcam os traços autobiográficos presentes na obra.

A proposta surgiu a partir de discussões em sala de aula da disciplina Literatura e Representações de Regionalidade, onde a turma dialogava sobre o que era de fato a literatura regionalista, o que a tornava uma literatura, sobre como a academia deve promover discussões inovadoras, isto é, sempre se estuda sobre a vida e obra de escritores renomados já falecidos, mas há na atualidade inúmeros escritores cujas publicações são dotadas de conteúdo digno de pesquisa e conhecimento.

Foram apresentados escritores da cidade de Estreito/MA e Ester Paiva era uma delas. Além disso, traz-se também o Projeto de Extensão “Criação Literária”, premiado em primeiro lugar na VII Semana Acadêmica de Pesquisa, Inovação e Extensão (SAPIENS). O projeto tem como objetivo principal pesquisar sobre a produção contemporânea tocantina, buscando contribuir com a valorização de escritores desta região na qual a UEMASUL atua. O romance Paiva foi objeto de pesquisa do projeto.

Percebeu-se o quão importante é a literatura de Paiva para entender a urgência em se ler, conhecer e estudar sobre a literatura regionalista e compreender melhor o gênero autobiográfico, bem como o papel do narrador na diegese. É nesse contexto que se consolida a relevância desta investigação, destacando a importância da prosa desta escritora como fonte de reflexão e inspiração de novos escritores e estudiosos desta literatura.

Considerando o narrador-protagonista de *Autgnose nº18*, de Ester Paiva, em diálogo com as formas e preceitos que englobam a autobiografia, surgem algumas questões: de que maneira o narrador se apresenta na prosa de Paiva? Como a escrita dela se configura como autobiográfica? Quais as marcas da vida da autora que estão presentes na história narrada? Esses questionamentos podem, ou não, serem desvendados, validando-os assim como norteadores da pesquisa.

Doravante os questionamentos levantados, é possível que o narrador se apresente na prosa de Paiva como o protagonista da história, que conta uma experiência vivida em determinado espaço de tempo – uma história contada sobre sua perspectiva, o seu olhar e os seus sentimentos íntimos, sem acesso aos pensamentos dos demais personagens. Pela vivência contada pela narradora, encontram-se traços da vida da autora demasiadamente semelhantes, percebendo neles os traços do gênero autobiográfico.

Diante dessa prerrogativa, a proposta sustenta-se na busca pela identificação das características e a identidade do narrador autodiegético pelos preceitos de Genette (1972) e



Leite (2007), dialogando com traços autobiográficos na escrita de Paiva segundo Lejeune (2008), em consonância com Brait (1985) a respeito da construção da personagem, buscando evidenciar a relevância de se analisar a narrativa sob a perspectiva do narrador como transmissor de experiências segundo Benjamin (1987), bem como seu papel nesse processo. E, finalmente, o ineditismo de se ter a investigação de uma obra literária feita pela própria escritora, eu mesma, objeto de pesquisa de minha própria pesquisa.

1. AUTOBIOGRAFIA: REALIDADE DENTRO DA FICÇÃO

Das muitas definições, usos, ecos e reflexos da literatura, uma delas é a possibilidade da transmissibilidade de experiências, fatos, vivências e histórias através do texto, quer seja narrativo, quer seja lírico. Tal como a pintura é feita pelo artista (pintor), a dança pelo dançarino, a peça pelo grupo de teatro e a música pelo compositor, a literatura é transmitida por alguém, o escritor, sendo o sujeito ficcional tanto o narrador quanto o eu lírico.

O escritor e o narrador podem ser, às vezes, a mesma pessoa, outras – em sua maioria – são sujeitos totalmente distintos. De certo que ambos sempre trazem em sua narrativa marcas de sua identidade, entendendo ser ali não apenas parte do mundo, mas um indivíduo no mundo que fala e pode falar sobre ele.

Ao ler um texto, para além do seu gênero, o leitor em algum momento há de encontrar-se lembrando de uma experiência pessoal. Uma frase muda completamente a maneira de pensar e agir; ele suspira ao voltar ao passado onde viveu o mesmo romance adolescente que o narrador está descrevendo. Isso é o que Candido (2004) chamou de poder humanizador da literatura: esse desenvolvimento de uma humanidade da qual torna o sujeito mais livre, tanto para si quanto para o outro.

A literatura, ainda segundo Candido (2004), confirma a humanidade do homem, pois desenvolve a humanidade em nós, nos abrindo para tudo que no mundo há, a natureza, as sociedades, os semelhantes, o outro. Em seu ensaio intitulado “O direito à Literatura”, ele esclarece que a literatura tem um papel formador da personalidade humana, e que nas mãos do leitor o livro pode ser um “risco”. Risco pois ela sobrepõe normas estabelecidas pela sociedade, reorganiza pensamentos e é fantástica ao ponto de não ditar o que deve ser feito, pensado ou corrigido, ela dá a oportunidade de haver um autoquestionamento para o leitor colocar-se no lugar de críticos da sociedade e de si próprios, apresentando o bem e o mal, tocando no mais íntimo do consciente humano, causando um impacto reflexivo, manifestando



novas visões de mundo e transmitindo um aprendizado. E essa literatura comumente encontrada nos livros deve ser valorizada, pois é ela que nos exprime (Candido, 2000).

Através da escrita e da leitura, se propaga esta literatura, escrever é transmitir, é passar para o papel o que há dentro de si, o que você quer comunicar para o outro sobre algo, alguém, alguma coisa. No que tange a transmissibilidade, esse exercício de relatar fatos e experiências através da escrita é a árdua missão de quem se presta ao trabalho de escrever, e com isto ele desenvolve uma relação com o papel, com a coisa narrada e principalmente com o leitor dela.

Ademais, falando da relação autor-obra, Philippe Lejeune (2008), em seu livro *O Pacto Autobiográfico*, discorre a respeito da autobiografia e o pacto autobiográfico, explicando com diversas citações as formas da autobiografia, trazendo logo nas páginas iniciais sua definição, como sendo o relato de sua existência, focando nas particularidades de suas vivências (Lejeune, 2008). Assim, o autor afirma que, para que haja uma autobiografia, é necessário haver uma identidade que une o escritor, o narrador e o personagem.

O autor ainda discorre a respeito da complexa variedade de formas autobiográficas, explorando as diversas maneiras que sua identidade se manifesta no texto, seja por quaisquer pessoas do discurso, por pronomes pessoais, seja pelo que o narrador se diferencie da personagem principal da narrativa, sob o uso de um pseudônimo. Assim, segundo Lejeune (2008), esse pacto autobiográfico é precisamente a afirmação no texto, da identidade que remete em último caso o nome do autor que está na capa do livro.

Para exemplificar, *Autgnose nº 18*, meu livro, é uma narrativa dividida em dezoito capítulos e que, de acordo com os estudos feitos por Lejeune (2008), pode ser considerado “romance autobiográfico”, sendo este um texto ficcional em que o leitor suspeite das semelhanças que existem mas o autor resolveu negá-la ou não afirmá-la.

As autobiografias são geralmente escritas com a clara intenção de mostrar a relação entre o narrador e o escritor, já se pressupõem uma identidade de nome entre ambos, um critério simples que define os gêneros da literatura íntima. No caso do *corpus* deste trabalho, a escritora e a narradora não possuem nem o mesmo nome e nem o mesmo sobrenome. Helena e Ester são nomes totalmente diferentes. Helena conta sua vida e Ester dá vida para que Helena a conte. Por esse detalhe, Lejeune (2008) afirma a existência do romance autobiográfico, onde apesar de o leitor ter todas as razões do mundo para crer que é a mesma história (autor = narrador), a identidade é assumida pelo narrador na enunciação e a semelhança é produzida secundariamente.

Depois de uma releitura, desta vez com um olhar investigativo de pesquisadora, há em minha obra alguns trechos sutis que deixam clara a semelhança entre a narradora e eu. Com



nomes diferentes, mas características semelhantes em diversos pontos, como a cidade natal, por exemplo, bem como a idade e o plano de carreira. Estas informações ficam evidenciado na parte do livro que as pessoas raramente leem: a biografia do autor.

Antes de identificar uma obra como autobiográfica, algumas investigações são necessárias. A primeira delas é conhecer a biografia e o contexto histórico do autor. A partir dessa leitura partimos para a busca por paralelos, relacionando eventos e lugares, características mais indiretas. A estrutura básica de um livro, é composta por capa, contracapa, “orelhas”, prefácio, capítulos, epílogo e biografia do autor. Nessa última parte está a nossa área de pesquisa sobre esse autor ainda desconhecido. Em minha obra, lá estão todas as informações que não couberam na orelha do livro:

Com o sangue puramente maranhense correndo em minhas veias, filha e cidadã original de Estreito, apresento-me Ester Paiva, uma menina-mulher de dezenove anos com mais histórias pra contar que uma senhora de quarenta e cinco. (Paiva, 2021, p. 65)

Comumente, essa parte do livro é mais técnica. Ela tem mais números, informações mais precisas e claras de quando a pessoa nasceu, seu grau de escolaridade, sua localidade e suas obras. Em *Autognose nº 18*, a biografia está com um tom mais poético e, se porventura, o leitor observar atentamente, ler a biografia final e depois os primeiros capítulos é ler a história da mesma pessoa, porém com nomes diferentes. Assim, a marca autobiográfica em *Autognose nº 18* fica evidente, pois de acordo com os estudos de Lejeune (2008), essa autobiografia é a história da vida individual da personalidade do escritor, onde há uma história contada a partir de um personagem ficcional, concatenando-se com Silva (2018) a respeito da autobiografia como um processo de ressignificação de si próprio, pois autor e personagem se fundem dentro da criação.

Para além da autobiografia, há ainda os estudos sobre “a escrita de si” explorada em vários escritos de Michel Foucault (1985, p. 57), onde escrever é um cuidado de si, consigo. Esse pensar através e sobre si para outro nos auxilia a perceber que a escrita é relevante e para analisarmos quer seja no comportamento, pensamento em momentos diferentes da vida, a escrita torna-se um elemento vital.

A Helena de vinte e um anos que relatou a história do livro, não era a mesma Helena que viveu a história aos quatorze. A maturidade dessa personagem é percebida desde o momento em que ela assume a coragem de relatar um fato íntimo ao mundo, que ela por tanto tempo ocultou. Depois de viver todo o processo, escrever sobre ele a fez refletir sobre todo o ocorrido e entender o processo de autognose em que foi submetida através de suas vivências.



Com essa compreensão, entende-se o suprasumo de escrever-se, tal como no livro *Aventura do contar-se*, de Margareth Rago. A escritora entremostra que “a ‘escrita de si’ é entendida como um cuidado de si além de um abrir-se para o outro, visando mesmo que não em um primeiro objetivo, a reconstituição a ética do eu (Rago, 2013).

Ainda conforme Rago (2013), a escrita de si corrobora para a busca da verdade da alma do eu, tornando-se sujeito de si mesmo, o autor do próprio *script*, da cena, do capítulo de sua história. A narradora de *Autgnose nº 18* mostra a todo tempo sua autonomia dentro da história narrada: “E agora que já expliquei bastante sobre onde vivo, acredito que posso lhes falar sobre mim e a breve história de minha vida que quero lhes contar” (Paiva, 2021, p. 10). O verbo transitivo direto indica uma ação de vontade, isto é, Helena poderia contar qualquer história, mas é aquela que ela queria.

É aquele pequeno fragmento de uma vida relatada que dá vida à personagem criada por mim, uma retrospectiva de uma memória vivida. Assim, percebemos a maneira como a autobiografia e a escrita de si podem caminhar juntas em uma narrativa, expondo as mais íntimas facetas do sujeito, e assim torna-se considerável que viver é uma arte e se torna um tipo de arte: a literatura.

As autobiografias, apesar de serem um gênero literário pouco explorado, são de uma imensa riqueza para os estudos literários e linguísticos. Temos uma história real trazida para o meio ficcional, expondo uma realidade vivida ou testemunhada. De certo que há uma transmissão de alguma coisa que pode não ser tão relevante no momento, pelo público do presente, mas a atemporalidade dos textos literários mostram como a literatura rompe a barreira do tempo e continua a comunicar sua mensagem. Lima Barreto, em vida, atingiu pouco do que desejara, suas obras ganharam relevância muitos anos após seu falecimento e mesmo assim ainda comunicam uma forte mensagem, transmitindo histórias através do tempo, independentemente do período em que aquela história foi gerada.

Transmitir para o leitor o que está em seu interior nunca foi uma ação simples de se executar, afinal falar de experiências que por vezes podem ser felizes, empolgantes, dolorosas e tristes é inquietante, mas faz parte do pacto autobiográfico: é o poder que a literatura tem de ser o que é. Portanto, mesmo os escritores de poucas produções literárias, pouca idade como eu, tem imensa contribuição para a fortuna crítica literária brasileira e isso ficará exposto adiante, com *Autgnose nº 18*.

Em decorrência disso, essa transmissibilidade de experiências através dos textos servem como instrumento de valorização de diversos fatores, mostrando a importância dos escritores



para a sociedade e a cultura, bem como a relevância da escrita para o mundo além do seu tempo e tudo isso é, se não transmitido por alguém, quem está sempre lá, o que sabe de todas as informações e às vezes só fala sobre si mesmo, a peça-chave de todo o texto narrativo: o narrador.

2. UMA VOZ QUE (NOS) FALA: O NARRADOR

Desde os primórdios da humanidade, histórias são repassadas de alguma forma. Músicas, poesias, pinturas, textos e espetáculos cênicos sem nenhuma fala, “histórias são narradas desde sempre” (Leite, 2007, p. 5). Todos os exemplos citados são transmitidos por alguém, especialmente na narrativa: a história é contada por uma voz que nos fala, essa voz é, – no caso da prosa – ,o narrador.

Narrador personagem, observador, onisciente, testemunha, intruso, quer seja o seu tipo, é quem narra a história, como ainda aponta Leite (2007), que o narrador conta suas vivências, como também tudo que isso implica em sua imaginação.

Autognose n° 18 é uma narrativa envolvente, de um narrador autodiegético, isto é, ele é o personagem principal da história. Leite (2007) traz em seu livro sobre o foco narrativo a sistematização feita por Norman Friedman no ano de 1995, que classifica a tipologia do narrador.

Muito do que sou ou me tornei é fruto do lugar onde nasci e vivo. Como cidadã estreitense, não poderia contar esta história da minha vida sem lhes falar sobre o pedacinho de terra que mais cresce no território e no meu coração. [...] A maioria das pessoas daqui se conhecem, os que vêm de fora para aqui habitar fazem amizade rápido, pois somos um povo acolhedor. E agora que já expliquei bastante sobre onde vivo, acredito que posso lhes falar sobre mim e a breve história de minha vida que quero lhes contar. (Paiva, 2021, p. 9-10)

Neste trecho, observamos o pronome pessoal “eu”, isto é, um texto narrado na primeira pessoa do singular, contando a sua perspectiva e experiência de vida, além do pronome possessivo “minha” acompanhado do substantivo “vida”, que dá ao leitor a breve informação do que está por vir: a história da protagonista, que é a voz que está contando a história, isto é, a “narradora-protagonista” (Leite, 2007, p. 43).

Sob a perspectiva de Gérard Genette (1976) a respeito da narratologia, ele classifica o narrador como intradiegético ou extradiegético, sendo um interior à história e sendo personagem na diegese que é a narrativa, ou exterior à história, estando fora da diegese. Esses são os níveis de narração e dentro desses níveis há os tipos denominados homodiegética (o narrador é o protagonista na diegese) ou heterodiegética (o narrador é só mais um personagem).



Ao observar a narradora de *Autognose nº 18*, encontramos o que Genette (1976) designou no termo “autodiegético”, visto que o narrador conta sua própria história.

O narrador autodiegético é aquele personagem central da história, porém só tem acesso a aquilo que vê, vive ou sente. Portanto, ele narra a história somente por sua versão. No decorrer da obra, Helena Macário (a narradora, que também é a protagonista) relata informações de sua vida que ocorreu desde seus quatorze anos – idade que ela tinha quando a história narrada acontece – até os vinte e um anos, idade que a narradora possui no presente do relato.

Confirmando os estudos de Benjamin (1987) sobre o narrador, ele retira da experiência a história que conta, quer seja sua, quer seja do outro e dá assim vida a experiências que antes seus ouvintes imaginavam ser apenas individuais Dialogando com os estudos memorialísticos de Jeanne-Marie Gagnebin (2006), em seu livro *Lembrar Escrever Esquecer*, onde a autora revisita as teses de Walter Benjamin, assevera que contar sua história, para além de um registro, é apoderar-se das reminiscências em um instante (Gagnebin, 2006). Assim, há uma articulação de uma memória do passado, dentro da escrita.

Em diálogo com os pressupostos de Brait (1985), a análise de um texto sempre esbarra na questão do narrador, este ser que vai conduzir o leitor pelo mundo que está lhe sendo apresentado. Nessa viagem pela leitura, ele é o comissário de bordo, pois, da mesma forma que “não há cinema sem câmera, não há narrativa sem narrador” (Brait, 1985, p. 53), reforçando assim a ideia de que um inexistente sem a existência do outro.

Helena Macário, uma jovem de vinte e um anos que narra singelamente parte de sua vida, da qual passava pela transição do ensino fundamental para o médio, em meio ao mar de decisões que definiriam a sua vida e sua carreira, conta a história como se estivesse sentada em uma cafeteria com sua melhor amiga que não via há tempos e está atualizando-a dos acontecimentos de sua vida até aquele presente momento. Uma narradora que sabe de todos os fatos não por ter testemunhado, mas por protagonizá-los, evidenciando o que Beth Brait (1985) exemplifica como a personagem sendo a sua própria câmera, onde enxergamos tudo sob a perspectiva da personagem que está se conhecendo conduz o leitor a fazer o mesmo.

A protagonista está vivendo um momento agitado, tem muitas decisões importantes para tomar, o medo do desconhecido, do incerto, as expectativas nela depositadas, onde o leitor tem acesso ao mais inexplorado pensamento e mais profundo sentimento. Beth Brait (1985) afirma que essa característica de narrador principal dificulta a escritura que lhe dá existência, visto que a maioria dessas personagens são mais densas e complexas, porém tudo dependerá da destreza do criador da narrativa.



Ao ter essas características, a narrativa criada fica dentro da literatura íntima (diários, monólogo interior) e aqui, com o foco em *Autognose n° 18*, temos o romance autobiográfico, com uma narradora autodiegética, que inicia contando a história de sua terra natal demonstrando ao leitor do espaço em que a história que ela conta se passa. Sendo parte de sua história, ela descreve o romance entre ela e o personagem Vitor, um jovem músico que ela conheceu na sua adolescência e que foi a engrenagem responsável por boa parte das grandes mudanças em suas decisões.

O narrador com sua astúcia de relatar, utiliza dos seus melhores artifícios, as melhores palavras para transmitir através de sua narrativa aquilo que o leitor irá conhecer e reconhecer na história. Ele conquista, em primeira ou em terceira pessoa, manipula o seu discurso para os seus ouvintes ou leitores e constrói caricaturas que depois de criadas permanecem na narrativa à mercê dos receptores desse discurso (Brait, 1985).

Assim se constrói a personagem Helena, a narradora. Ela mergulha na coisa narrada, dando vida à obra. Essa vida que impacta outras vidas é enlaçado pela transmissibilidade de experiências que gera identidade e tudo isso na simplicidade de um relato, confirmando os estudos de Ricardo Piglia (1999), ao afirmar que todas as histórias do mundo são tecidas na trama de nossa vida. Mundos paralelos que se cruzam em possíveis vidas e experimentos de vivências.

Logo, todas as histórias estão intrinsecamente interligadas pela experiência, movidas pela paixão de viver o inesperado, a surpresa em se deparar com o amor de escola que você ainda nem imagina que o será. Através da magia da escrita encontramos essa conexão com o outro, nas palavras de Genette (1976, p. 229), “nós somos todos os dias objetos de narrativas”. Esse estar vivo que se transforma em ser imortal, o real que inspira o ficcional, sem cair no esquecimento porque registramos, uma experiência que se torna história, é o que nós, escritores, fazemos. É o que faz a literatura.

Adentrando ainda mais na figura do narrador, Benjamin (1987) em seus estudos sobre narração relata a respeito do relato extraordinário da narrativa e esse narrador ao mesmo tempo deixa livre para o contexto psicológico ser interpretado pelo leitor. Helena não dá características físicas sobre si mesma, fala sobre os seus sentimentos e vivências e o leitor ao decorrer da história vai se sentindo junto com ela a cada acontecimento. Quanto maior a naturalidade, mais facilmente acontece a identificação do leitor que irá equiparar-se à sua própria experiência (Benjamin, 1987).



Essa assimilação se dá pela identidade e com a identificação o leitor é mais facilmente conquistado pela narrativa. Helena não traz apenas uma história, mas sim traz a sua história, pois toda narrativa tem uma utilidade. E ainda na linha de Walter Benjamin, essa figura narrativa geralmente é alguém que sabe dar conselhos.

Geralmente ouvimos uma história de um acontecimento para duas coisas: nos inspiramos ou nos advertirmos. A história narrada em *Autognose nº 18* te inspira ou te adverte sobre o que não replicar? Essa resposta só o leitor, na sua experiência individual, poderá responder, pois a narrativa está sempre ali, entregue pelo narrador, mas ela só se entrega se o leitor se abre para a experiência de consumi-la. Portanto, o papel do narrador é o de transmissor de experiências, criando um elo entre o passado da história vivida e o presente dela reconhecida pelo leitor, além de interpretar e dar sentido a história e, a partir do seu olhar, desenvolve nela uma autenticidade, no seu ritmo, controlando o ponto de vista da história.

Através dessa transmissibilidade que gera identificação, o leitor cria uma conexão emocional, gera uma confiança dos fatos e transporta o leitor para o mundo mágico da história. Logo, o narrador possui é uma importância indispensável na narrativa, pois é ele quem intermedia o relacionamento entre o autor e o leitor. No romance autobiográfico, isso se torna mais do que necessário, pois o autor, mesmo que busque todos os artifícios possíveis para negar, aquela é a sua história. Essa escrita de si faz parte da nossa construção enquanto sujeitos, mesmo que no início não pensemos nesse objetivo uma coisa leva a outra, pois segundo Silva (2018), quando escrevemos sobre nós, envolvemos nossa memória pessoal neste percurso de escrita e a forma que a memória é narrada revela mais sobre a pessoa que somos hoje do que quem fomos no tempo passado, portando, a escrita de si torna-se diretamente ligada à nossa construção como sujeitos.

A maneira como Helena conta a história diz muito mais sobre o futuro do que o passado narrado. Foi através daquela vivência que uma personalidade se formou no futuro, paramos para observar tudo o que aconteceu e como colaborou para que aquela história fosse transmitida.

Ela em sua narrativa, ajuda a preservar memórias que viveu individualmente e coletivamente com os outros personagens. Essa comunidade – autor = narrador = leitor – perpassa o tempo, a idade, o público e o texto. Essa personagem construída a partir de vivências extratextuais corrobora com a prerrogativa de Ricardo Piglia (1999, p. 114), como sempre a literatura tem muito que nos ensinar sobre a vida. Ela ensina o leitor que a consome, mas inicialmente e principalmente, o indivíduo que a produz: o criador literário.



3. A CRIAÇÃO LITERÁRIA PELO OLHAR DO CRIADOR: UM POSFÁCIO FORA DO LIVRO

Até onde minha memória alcança, sempre gostei de ouvir e contar história, e ser escritora nunca esteve em discussão nas escolhas da minha vida, até aquele trabalho de escola que a Helena contou. Dar vida à Helena não foi tão difícil: uma menina doce, sonhadora, leitora, romântica e queria o melhor da vida. Era tudo que eu também queria. O nosso impasse era entender o limite de saber até onde ela falaria de si e de mim.

Autognose n° 18, diferente do meu primeiro livro escrito, traz uma narrativa totalmente pessoal, o meu diário íntimo aberto a todos os públicos que tivessem a coragem de encarar a leitura de uma “jovenzinha”. É notável logo no prólogo do livro que a narrativa a seguir é profundamente subjetiva:

Eu por muito tempo fui uma pessoa sonhadora, sonhava como toda menina em ter um amor como nos filmes, e sonhava em escrever grandes livros com histórias inacreditáveis de romances. Mas o tempo passa, as situações mudam o curso do caminho, e nos encontramos no ponto de decisão, onde os sonhos são colocados na balança e pesados junto com as responsabilidades da vida, e o que vale mais no fim de tudo? Viver sem grandes emoções ou experimentar a montanha russa dos sonhos? (Paiva, 2021, p. 7)

Ao contar a nossa história, Helena tenta ser cuidadosa com os detalhes, mas não economiza no sentimento. Cada vírgula escrita tem um peso imenso de falar sobre sua história e sua verdade, sobre sua terra e suas vivências nela e a partir dela. Como anteriormente mencionado, um escritor dificilmente tem dimensão do alcance de sua narrativa e eu sempre fui sonhadora como Helena, mas não pensei que a nossa história chegaria tão longe.

Iniciar falando sobre a cidade de Estreito foi um gesto de homenagem ao lugar em que eu nasci, que vivo atualmente e que é tão dotado de histórias quanto qualquer outra Nárnia ou Inglaterra – essas histórias só não tem a chance de serem divulgadas, estão limitadas às mãos corajosas de que tem coragem de registrar. Ao estudar sobre a literatura e sua história, além dos tempos, me peguei refletindo sobre como é bom ter acesso a esse conhecimento, esse registro, no entanto tudo isso só existe devido a um indivíduo que pensou na importância do ato de registrar.

Em decorrência disto, uma das maiores intenções era atrair os holofotes para o espaço da narrativa e assim mostrar como a minha cidade real, elemento extratextual, também era palco de grandes narrativas. E nessa linha narrativa, narrar esta história em primeira pessoa foi mais fácil no sentido de relatar uma experiência, como se eu estivesse escrevendo em meu diário ou conversando com minha melhor amiga. O difícil foi assumir ao público a história narrada.



Em meu medo, nasceu o nome Helena, que seria o meu segundo nome, se por alguma eventualidade eu tivesse que mudar de nome, eu me identificava com ele. Helena significa “luz” ou “aquela que ilumina”, e eu me agarrei nessa luz que eu nem sabia que precisava. Todos os outros nomes foram pensados de forma aleatória, mas Helena foi especial, já estava escrito em mim. Usar essa personagem me permitiu falar tudo aquilo que sempre quis e não tive coragem, tudo o que eu queria deixar para que outras Helenas tivessem esperança de ressignificar momentos como os que a narradora viveu.

A ideia do livro surgiu da urgência de libertar uma história há tempos trancafiada nas memórias de um coração romântico. Criar uma narrativa baseada em fatos, de pessoas reais e jogar dentro da ficção como ato de liberdade. T tamanha era a urgência dessa libertação que a história (depois de um longo período de bloqueio de escrita) foi feita e concluída em três dias. Eu escrevia no papel as ideias, as frases e a estrutura nos meus diários, mas bastou algumas madrugadas regadas a um café cremoso com biscoitos de maizena, acompanhados de instrumentais das minhas músicas preferidas para o livro ser finalmente gerado.

O número dezoito, que representa meu aniversário, reflete grandes acontecimentos da história ocorridos no dia dezoito. Esse número passou a ser o que costumeiramente chamamos de “número da sorte”, não pela sorte, mas por ser o meu número de estimação e um número especial, onde coisas especiais aconteceram e seguem acontecendo. A estrutura dos capítulos do meu romance não poderia ser diferente. Mais uma evidência de que todos os detalhes foram pensados minuciosamente com muito sentimento.

Escrever com sentimento sempre foi uma prioridade. Está aí talvez uma das maiores dificuldades de escrever e o maior brilho da profissão: colocar os sentimentos no papel é desafiador. Já travei inúmeras batalhas com a folha em branco, algumas eu venci e em boa parte fui vencida. Na batalha para escrever *Autognose nº 18*, o principal pensamento era se eu conseguiria terminar. E, depois de findo, o questionamento sobre o que eu faria quando finalizasse. Ricardo Piglia (1999) afirma que finais são as formas de encontrarmos sentido na experiência vivida e, de fato, transmitir a experiência para compreendê-la é uma afirmativa verdadeira. No livro vemos isso, nas palavras de Helena:

Por falar em sonhos, percebi que havia esquecido dos meus, iniciei essa história com um sonho de um livro, que até comecei a escrever, mas a relação que vivi adormeceu meus sonhos e eu só sonhava os sonhos dos outros, o casamento, a vida dois, trabalho, a faculdade, e havia esquecido de pensar em mim e nos meus sonhos, deixei-os guardados na estante do tempo, felizmente o tempo tinha sido generoso e ainda restava um tempo para tirar o pó da estante e recomeçar (Paiva, 2021, p. 53)



Ela esqueceu dos sonhos na estante, guardou-os como quem guarda um bom livro em um lugar escondido fora do campo de visão, estando a todo tempo vendo você passar, mas você deixou de lembrar dele. Depois de todo o ocorrido, Helena lembrou-se do sonho guardado, buscou-o e se agarrou a ele com todas as forças que tinha.

No meio das frustrações e decepções da vida, somos os únicos responsáveis por decidir como reagiremos depois delas. Ela escolheu triunfar e no dia dezoito de dezembro: publicar o livro, no arremate desta história. Assim aconteceu a autognose: “O processo de autognose aconteceu como a metamorfose de uma lagarta no casulo, e ela recolheu-se para conhecer o que era de verdade, por dentro, para que aflorasse para fora e bater asas, como uma borboleta” (Paiva, 2021, p. 63). A borboleta bateu asas depois de um longo processo no casulo e hoje estamos analisando seu livro, minha criação, nossa história.

A minha criação foi feita para que nela eu me encontrasse. Eu precisei criar para me (re)conhecer como pessoa, mulher, profissional e um ser que sonha. A minha personagem forjada da minha personalidade me deu vida ao passo que eu a criava, uma vida que eu havia deixado de lado por tantos sentimentos mal resolvidos. Logo, a literatura me salvou.

Nisto consiste o que Candido (2004) chamou de poder humanizador da literatura: ela desenvolve uma quota de humanidade ao passo que nos torna mais abertos ao mundo, à sociedade e ao próximo. Helena conquista com o seu relato, pois o autor se identifica com sua história. A criação literária proporciona um relacionamento entre o criador e a criatura, gerando essa humanização de ver-se dentro da obra após se colocar na posição de receptor.

Essa literatura que muito nos ensina deve ser cada vez mais produzida, (re)conhecida e valorizada, principalmente o arcabouço literário que *Autognose n° 18* faz parte: a literatura da região tocantina. Tão rica quanto a fauna e flora da região, a literatura e a cultura dela contribuem para a fortuna cultural literária, e, apesar de não pensar em toda esta dimensão, trabalhos como este mostram o quão longe ela pode chegar se houver oportunidade, principalmente com o interesse de fomentar a criticidade literária contribuindo valorosamente para os estudos de literatura e dando uma visibilidade maior para a literatura regional contemporânea, que é tão rica quanto qualquer outra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, a ideia de fazer uma pesquisa dentro de uma obra própria e não de outra pessoa pareceu um absurdo. Analisar a própria escrita não como autora dela, mas como pesquisadora foi desafiador principalmente devido à desvinculação que deve ser feita entre



escritora e pesquisadora. Apesar dos desafios, a análise da obra *Autgnose nº18 - uma vida mudada por um livro e um número* sob o viés autobiográfico foi realizada exitosamente.

A escrita de Paiva (2021) está dotada de marcas autobiográficas, cheia de temáticas atemporais significativas. A narradora autodiegética apresenta-se como transmissora de experiências, sendo Helena Macário àquela que compartilha sua história como um diário íntimo aberto para o mundo, estabelecendo uma conexão emocional com o leitor, formando um elo entre os dois. Desse modo, esses elementos identificados e estudados na obra revelaram-se essenciais para a construção de uma identidade literária da criadora.

Ao escrever, a maioria de nós, escritores, não têm dimensão do alcance que teremos e de como aquilo poderá impactar na vida dos nossos leitores. Com os *feedbacks* de alguns leitores de *Autgnose nº 18*, observamos como nenhuma experiência é única, em algum momento alguém em alguma parte do mundo está vivendo, sentindo ou pensando sobre aquilo que você também está. Quase todos passaram pela escola, fizeram amigos inesquecíveis, se apaixonaram, se decepcionaram e essas memórias, boas ou ruins, ficaram marcadas com eles, porém ainda não houve a ousadia da escrita. Ao ler *Autgnose nº18*, a identificação é quase imediata.

Esta inquirição reforça a importância do estudo de escritores vivos e ativos, bem como suas obras, produções literárias, pois promove, além de uma reflexão sobre a regionalidade do escritor, a valorização e incentivo à outros escritores, tendo em vista a originalidade da pesquisa que reside na obra de uma emergente escritora, ainda jovem, reforçando a relevância da literatura regionalista, feminina, nordestina, maranhense, contribuindo para a fortuna crítica literária, valorizando não só a cultura os fazedores de cultura para a sociedade brasileira.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: **Magia e técnica, arte e política** – Ensaios sobre a literatura e história da cultura. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BRAIT, Beth. A construção da personagem. In: **A personagem**. São Paulo: Editora Ática, 1985.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

CANDIDO, Antonio. **A formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 6 ed. Belo Horizonte, Editora Itatiaia Ltda, 2000.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade III. O cuidado de si**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. 7. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

GENETTE, Gérard. **O Discurso da narrativa**. Lisboa: Vega, 1979.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. **O foco narrativo**. 11. ed. São Paulo: Ática, 2007.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

PAIVA, Ester Miranda. **Autognose nº 18** – uma vida mudada por um livro e um número. Goiânia: Kelps, 2021.

PIGLIA, Ricardo. Teses sobre o conto. In: **Formas Breves**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

SILVA, Kaline Cavalheiro da. Autobiografia X escrita de si = autoescrita. **Revista Letras Raras**, Campina Grande. v. 7, n. 1. 2018. Disponível em:
<http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/985>. Acesso em: nov. 2024.

